



# O Gaiato

PORTE  
PAGO

Quinzenário • 24 de Março de 1979 • Ano XXXVI — N.º 914 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Os Direitos da Criança

II — «A criança deve beneficiar de uma protecção especial e ver-se rodeada de possibilidades e facilidades concedidas pela lei e por outros meios, a fim de se poder desenvolver de uma maneira sã e normal, no plano físico, intelectual, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. Na adopção de leis para este fim, o interesse superior da criança deve ser a consideração determinante.»

Tão cedo perdemos nossos olhos de criança! É pena. É mal. Porque está escrito: «Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, não O possuirá». «Se não nos tornarmos como elas, não entraremos nelas». «Quem acolher uma criança em nome de Jesus, é a Jesus que recebe». É mal para o Homem, que se desvia do caminho mais recto para a Felicidade; que se dificulta a realização da felicidade possível e torna penoso o caminhar.

A Vida é fruto de um renascimento incessante, diligentemente querido, sinceramente procurado. O «nascer de novo» de que falava Jesus a Nicodemos é um nascer do Alto e um crescer na graça que Deus dá. Sempre recém-nascido, sempre nascituro, assim se conserva (e se progride) aquela infância de alma, a «pequena via» de Teresa de Lisieux, tão

moderna porque de sempre: «a porta estreita» de que nos previne o Evangelho. É tão urgente para o Homem de todos os tempos, ansioso de felicidade, que só achará de olhos postos na Felicidade que dá sentido à vida.

Só assim os homens podem forjar o mundo onde a Criança encontrará o seu lugar próprio, para nascer e crescer ao ritmo da Natureza que Deus fez: tempo para ser criança, tempo para ser adolescente e jovem, tempo para ser adulto. Só assim ela poderá «desenvolver-se de uma maneira sã e normal, no plano físico, intelectual, moral, espiritual» e atingirá a maturidade «em condições de liberdade e dignidade» que a farão o adulto válido para os compromissos sociais que lhe competem e o esperam.

Não é favor este respeito pela Criança, «a protecção es-

pecial de que ela deve ver-se rodeada». É a condição sine qua non de um mundo em aperfeiçoamento nunca acabado, ao qual cada geração deve o seu esforço humilde, convicta de que os seus filhos farão mais e melhor.

A Declaração dos Direitos da Criança como um Direito autónomo, é um passo importante e indispensável nesta linha de progresso. Ouvi há dias, de boca autorizada, que em tempos ainda não muito distantes, num País da Europa, ao pretender-se defender uma criança vítima da crueldade da própria família, se não encontrava fundamento legal para a acção, porque o Direito das Crianças estava incluído no da Família. Era um estádio de ingenuidade colectiva que parecia nunca ter-se dado conta de que muitas vezes o abandono e a violência que uma criança sofre provêm dos próprios parentes. Alguém então lembrou que havia leis de de-

fesa e protecção dos animais; que o ser humano é também animal... E foi por aí que pegaram no processo e o leva-

ram a seu termo. Facto real (ou anedótico que fosse...) ele

CON. NA 4.ª PÁG.



«A Criança deve beneficiar de protecção especial»

## AQUI LISBOA!

«A tendência para abusar do mais fraco é um acto do homem. É uma das suas deploráveis fraquezas.» (Pai Américo)

## O NOSSO DIA-A-DIA

● Um dos aspectos mais significativos da nossa vida é a chamada de atenção para os problemas sociais da criança, cuja origem está nos desequilíbrios dos adultos, enquanto pessoa-indivíduo ou comunidade. Esta é equilibrada na medida em que cada indivíduo também o seja. Doutrina esta, tão antiga e tão nova como o homem de ontem e de hoje. Mesmo assim, o «não satisfaz» é a nota que vamos merecendo pelo que fazemos ou não, na linha de equilíbrio de uns com os outros. Por isso, vão-nos chegando sempre pedidos de admissão. Quase todas as semanas há casos que não basta classificá-los de dramáticos, mas sim, resolvê-los. Como? Aqui pode estar o outro drama — o não ser possível dar solução. O desequilíbrio social do problema — a «repa-

ração» não ser possível, porque falta o «técnico» ou a «oficina». «Aparelhagem» na «sucata», por falta de quem ou de quê? Todos sabem. Todos têm soluções. Todos querem o mundo mais justo e equilibrado. Na hora de dar o passo é que é! Paramos, olhamos para todos os lados e...

● Num domingo destes, vieram cá dois miúdos de Vila Praia de Ancora com a tia e outra senhora... Esta é que se adiantou e expôs o caso. A tia também quis contar a história dos dois rapazes, mas a voz quebrava-se-lhe contra a tristeza dos acontecimentos... Os pequenos entregues a ela e ela entregue à incerteza da vida, que um cancro parece estar à sua porta... A mãe dos peque-

CONT. NA 4.ª PÁG.

Da última vez falámos da Mulher, em geral, pondo em evidência a sua vocação maternal. Ainda a propósito citaremos João Paulo II: «É necessário fazer tudo para que a dignidade desta esplêndida vocação não fique destruída na vida interior das gerações novas; para que não seja diminuída a autoridade da mulher-mãe na vida familiar, social e pública, e em toda a nossa civilização: em toda a nossa legislação contemporânea, na organização do trabalho, nas publicações, na cultura da vida quotidiana, na educação e no estudo. Em todos os campos da vida. É este um critério fundamental: Devemos fazer tudo para que a mulher mereça o amor e a veneração. Devemos fazer tudo para que os filhos, a família e a sociedade vejam nela aquela dignidade que na mesma viu Cristo.» Procedendo assim, estaremos defendendo as crianças e não só.

Numa visão cristã, qualquer acto matrimonial deve permanecer aberto à transmissão da vida, sendo inseparáveis os aspectos fundamentais da união e procriação. Esta deve ser consciente, desejada, portanto. Mas para que assim suceda há que educar os futuros pais no conhecimento da sexualidade, das leis da Natureza e dos valores morais, entre outros. Uma paternidade consciente supõe sempre discernimento e, não raro, espírito de generosidade e de renúncia. O planeamento familiar tem de levar em conta a dignidade humana, respeitando a liberdade dos cônjuges, sem intromissões no contexto do seu amor íntimo. Os cristãos saberão distinguir aquilo que lhes é lícito ou lhes é vedado, procurando viver, numa linha de coerência, dia-a-dia, a sua fé, usando, se for caso disso, os meios naturais de regulação de maternidade e rejeitando os chamados artifi-

ciais, que impedem a sequência dos processos da Natureza.

Não está na mente do autor destas linhas, nem cabem na índole de O GAIATO, explicações profundas sobre o assunto em causa. O que se disse atrás apenas pretende prevenir as pessoas e, consequentemente, alertá-las para as suas responsabilidades. É que as doutrinas materialistas que se defendem por toda a parte põem em causa a dignidade do homem e ameaçam subverter a estrutura familiar. E a criança, mais fraca, será a primeira afectada.

Importa-nos, porém, neste Ano Internacional da Criança, falar do problema do aborto, que muitos pretendem legalizado, para afirmar uma pseudo-libertação da mulher ou fundados em pressupostas razões demográficas explosivas e outras. Convém que se di-

CONT. NA 4.ª PÁG.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PUEBLA — O Documento final de Puebla, analisado nas linhas mestras, não surpreende.

Recordando o acto de fé de que «Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida», os bispos sul-americanos condenam «a teologia da libertação» nas acepções mais radicais. Denunciam aqueles que pretendem «identificar a Mensagem cristã com uma qualquer ideologia» e que se propõem interpretar o Evangelho a partir de uma opção política. Condenam igualmente os que anunciam um «Evangelho desprovido de implicações económicas, sociais, culturais, e políticas».

O Documento episcopal, que ocupou recentemente vasto noticiário nos mass-media, aborda como pontos principais: os Direitos do Homem, a violência, as «raízes profundas» da situação latino-americana e as «preocupações do tempo presente».

Em muitos pontos encontramos com Pai Américo mais a surpresa de alguns escandalizados pelo seu carisma. Baseado na Boa Nova, discípulo do Senhor Jesus que sempre testemunhou fosse onde fosse, ele, o Pai Américo, defendeu intransigentemente os Direitos do Homem; condenou a violência, «a corrida aos armamentos — crime maior da nossa época», de todas as épocas; verberou a «dureza de sistemas económicos que não vêem no homem mais do que o produtor e o consumidor, sem encararem a instauração de um sistema justo». Tomou ainda posição quanto

«à crise dos valores morais: corrupção pública e privada, sede de riqueza, venalidade, perda do sentido do esforço, carência do sentido social da justiça e da solidariedade...» Enfim, como os bispos de Puebla, pregou o Evangelho «sem punhos de renda» — como nos dizia, olhos faiscantes, sorrindo com o coração nas mãos.

PARTILHA — Rua da Lapa, Lisboa, 200\$00. Um bom Amigo — que largou há muito os marés — 100\$00. Ainda do Porto, 500\$00 «em sufrágio de Carlos». Mais Porto, com dois mil, da rua da Alegria. Uma «Alentejana», também do Porto, 500\$00. Ficamos muito contentes com a presença de sangue alentejano. Mais 100\$00 de Requeixo. «Uma nulidade», de algures, traz Mensagem. Ouçamos:

«Não sendo abastado, mas vendo tanto sofrimento por toda a parte, motivado pela carência completa de meios de vida, é meu propósito, dentro da medida do possível, contribuir para que todo o ano seja Natal.

Sou um aposentado, com uma pequena pensão, e com pouco mais. Não tenho encargos familiares. Os serviços domésticos que posso fazer, servem-me de distração. Nunca gostei de amearhar, vendo à minha volta tanta gente sem pão e sem abrigo. Mas ainda há muitas pessoas (o Senhor me perdoe o desabafo) que me censuram esta atitude. Perante tal censura, é rogar ao Senhor que me conceda um pouco de paciência, e que o parecer das referidas pessoas se modifique e deixem de ser tão egoístas.

E, sendo assim, e para dar cumprimento ao que atrás deixo dito, venho mais uma vez enviar um pequeno donativo para a Conferência de Paço de Sousa...»

O Porto, hoje embaideirado em arco! Bairro de Francos, 250\$00, promessa pela «vitória do Porto sobre o Braga e o empate sobre o Benfica. Desculpai... Mas eu sou tripeira e, apesar dos meus 71 anos, gosto de futebol — sou baírrista...»

Rua da Amoreiras, Lisboa, 300\$00 de Janeiro e Fevereiro. Mais Lisboa com 200\$00, de rua Rodrigo Cabrilho. Vila Nova de Gaia, 500\$00 e «o anonimato habitual por favor». A tônica dominante.

Nisa — do meu Alentejo — 100\$00 duma Vicentina. Santa Cruz do Douro, 500\$00. O mesmo de Laura, do Porto, 250\$00 da rua Pascoal de Melo, Lisboa. 350\$00 de «Velha amiga». Assinante 19177, 100\$00. Metade dos Amigos D. António Barroso. «Uma portuense qualquer» com «a migalhinha de Fevereiro, à qual acrescento 50\$00, pequena renúncia deste primeiro dia da Quaresma a favor de Irmãos mais necessitados». Vale do correio, de 500\$00, proveniente de Santarém. Outro da capital «para o que fizer mais falta no momento», pedindo «uma oração por alma de Antónia, uma pessoa amiga falecida há pouco, a quem devia algumas atenções e pensei que era esta a melhor maneira de lhe retribuir». Espírito cristão! Mais «uma velha amiga», esta de Coimbra, com 250\$00 por alma de seus Pais: João e Helena.

Por fim, outra Mensagem quaresmal de um Recoveiro dos Pobres, da capital, sempre presente na hora H. Ouçamos:

«Num dos últimos Domingos de Fevereiro — creio que o correspondente à antiga Sexagésima — lembrome de que o Salmo Responsorial começava por dizer: «Feliz o que toma a seu cuidado o Pobre». Por outro lado entrámos no sagrado Tempo da Quaresma, o Tempo aceitável, de propiciação — no dizer de S. Paulo.

Na Quaresma, com efeito, Deus convida-nos, através da sua Liturgia, à meditação, à penitência e ao acrisolamento do nosso amor pelos Irmãos mais pobres, mais carecidos de ajuda fraterna, auxiliando-os nas suas carências. «Tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; não tinha abrigo e não me acolhestes...», disse o Senhor acusadoramente no Santo Evangelho da Missa do passado dia 5.

Estas chamadas do Salmista, de S. Paulo e do próprio Senhor ecoaram no meu espírito como uma acusação à minha inércia.

Lembrei-me, então, de que em O GAIATO, em «Notícias da Conferência de Paço de Sousa», se escrevera há tempos que havia uma «bicha» de Auto-construtores necessitados de donativos para os seus louváveis empreendimentos.

Por isso, tomando em consideração aquela triplíce advertência escriturística e esta observação em O GAIATO e a que eu como vicentino não podia ficar inerte início a minha penitência quaresmal enviando o incluso cheque para diminuir a «bicha» e com a particular intenção de sufragar a alma de minha saudosa irmã Maria da Anunciação, que Deus recentemente chamou a Si. Agradeço uma prece pelo seu descanso.»

É tudo. E bem!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

CORRESPONDÊNCIA — Conforme nosso pedido em «Instrumentos Musicais», já nos têm chegado alguns textos de canções populares portuguesas.

De Almada, através do Américo Luís, recebemos bastante canções. Um já as cantamos, outras nem sequer nos recordávamos delas.

Sempre que queiras envia mais canções e dá notícias.

Também a presença muito amiga do Ernesto Nuno, que nos está sempre a escrever e a mandar poemas de sua autoria, aconselhando-nos a musicá-los. É um pouco difícil, mas com o tempo iremos lá de certeza.

De entre os poemas queria destacar «A Excepção»:

«Ninguém diria  
Que choveria  
Nesse tempo de Verão;  
Dias tão lindos  
Se passaram e então,  
Caíu a chuva  
Para ser a excepção...»

Ninguém diria  
Que voaria  
O que tínhamos na mão;  
Sonhos tão lindos  
Nós sonhávamos e então,  
Desfez-se em chuva  
A névem da ilusão...

Que bom seria  
Nunca chover  
Em horas doces de viver,  
E sempre haver  
O sol no nosso coração  
A dissipar  
As trevas da desilusão...

Melhor seria  
Só apostar  
No que é difícil de quebrar,  
Poís só assim  
Nos poderemos abrigar  
De núvens que  
Só a chuva tem pra nos dar...»

Aquí fica o primeiro a ser musicado. Um obrigado muito amigo.

FESTAS — Fomos fazer a estreia do nosso programa deste ano a Cinfães do Douro, no passado dia 25 do mês findo. Apesar de algumas falhas, naturais numa primeira apresentação, tudo correu bem.

As pessoas daquela localidade souberam participar na Festa com muito entusiasmo e boa disposição.

Como a viagem era um pouco longa e maçadora, resolveram dar-nos o jantar. E que jantar! Estava uma maravilha, desde a sopa à aletria! No fim ficámos a conviver um pouco, entoando canções populares com os jovens que demonstraram muita amizade.

Foi o primeiro dia das nossas Festas. Oxalá todas as outras sejam como esta!

A primeira, da nossa tournée oficial, é já no próximo dia 25, em

Amarante. Alguns dos nossos vendedores, entre eles o Cipriano, vendedor nessa localidade, o «Rebuçados», «Penacovas», Rocha e «Lourinho», foram alguns dias, antes vender bilhetes. O que interessa não é passar os bilhetes todos, mas o convívio com as pessoas e lembrar-lhes que brevemente há Festa. Se me permitem eu a designaria por Festa-Convívio.

As nossas Festas não são mais que uma retribuição das visitas que recebemos durante o ano, dos nossos Amigos dos mais variados pontos do País.

No dia 27 estaremos em Aveiro. Já lá foram, entretanto, «Riri», Ludgero, «Zaco», Avelino, Rui, Mendão, «Penacova» e «Tiroliro».

E pronto, resta sómente aguardar as datas marcadas para nos encontrarmos de novo.

OBRAS — A nossa tipografia está em obras. O pó das paredes, deitadas abaixo, e o barulho perturbam o nosso trabalho. Estava tudo tão velho e carcomido! Havia urgência em se fazer uma remodelação. Foram carregadas duas placas num abrir e fechar de olhos, com a ajuda dos tipógrafos. Tudo foi feito num espírito de camaradagem e boa disposição. No final os trabalhadores da placa deliciaram-se com o bom vinho proveniente da nossa quinta.

CARNAVAL — Já não vem muito a propósito, mas como no número anterior demos prioridade aos nossos Leitores...

Não pudemos dar fitas, máscaras, etc., aos nossos pequenitos porque está tudo muito caro. Seriam precisas muitas centenas de escudos para este material.

Em contrapartida, arranjaram embalagens de vinagre vazias para se entreterem a molhar o parceiro enquanto o Conjunto tocava umas músicas bem ao ritmo dos nossos dias.

ACTIVIDADES DESPORTIVAS

— O Desporto já faz parte do nosso dia-a-dia. Todos os dias, à mesma hora, os treinos de atletismo, de futebol, etc., estão em evidência.

O problema das sapatilhas está a ser atendido por alguns Amigos que já nos mandaram alguns pares.

Há dias em que não somos muito felizes. Fomos participar numa prova que se realizaram em Guilhufe e obtivemos o 6.º lugar por equipas. Individualmente só conseguimos classificar o Álvaro em 2.º e o Félix dos Santos em 9.º. Estávamos desprovidos porque havia nesse dia Festa e alguns, talvez os que melhor correm, não puderam participar. Bom, em Desporto não conta só ganhar e obter boas classificações, mas em primeiro ponto e talvez até o mais interessante, é o da participação.

Houve também um jogo entre a malta mais pequena e a rapaziada do Bairro de Ramalde que perdeu por 2-1. Também jogaram bem e com um pouco de descuido da nossa malta ganharíamos...

O nosso campo de futebol e a nossa equipa aguardam que outros clu-

## CASAMENTOS



Consoviaram-se mais dois casais na Capela da nossa Aldeia: Manuel de Sá Cunha e Maria Fernanda, António Pinto de Oliveira e Adozinda. O Manuel e o António prepararam-se para a vida, fizeram-se homens, em nossa Casa de Paço de Sousa, de que ambos foram chefes maiores.



# Lar Operário em Lamego

Muitas vezes se fala da «bola de neve» que, tendo começado a rolar no alto da montanha, se foi tornando forte e, apesar de cada vez mais volumosa, corre veloz e constitui perigo para tudo o que encontra à sua frente. É «bola de neve», mas capaz de destruir.

Quando será que a ideia tímida e simples de fundar, em Samodães, um Jardim Infantil se transforme, pelo avolumar de vontades e de donativos, na tal gigantesca «bola de neve» que torne realidade os sonhos de tantos? Pecarei contra a fé se perguntar quando virá o dia em que a «bola» que agora outra coisa não é do que a ideia-força que se aninhou

no coração, será capaz de destruir todos os obstáculos? Alguns já estão vencidos. Já também há milagres à vista. Como se poderá classificar a atitude do proprietário (ele não quer o nome no jornal... mas todos sabem quem é... disto não tenho culpa) que em pleno coração de Samodães, mesmo no centro dum grande número de famílias, nos ofereceu o local para a futura sede do Jardim Infantil?

E o milagre é maior se soubermos que ali existia uma vinha a produzir vinho do Porto e que vai desaparecer.

Sonhar, gizar, fazer planos, é obra fácil e ao alcance de muitos. Passar ao papel os ris-

cos que nos permitam ver o que a obra vai ser, também não é das coisas mais difíceis. A efectivação, o levantar das paredes, o colocar dos vidros e portas, o ter a **chave na mão**, é que já não é possível a tantos. É certo que não se pensa em levantar um edifício de «fachada», mas simples como as crianças e condigno do respeito e amor que elas merecem. Há, todavia, coisas que não podem faltar: **uma sala de estar com jogos e graciosos bancos e outros objectos que distraiam e eduquem. Um pequeno dormitório onde se coloquem 4 ou 5 camas para os mais sonolentos. Uma mini cozinha para preparar um copo**

bes nos contactem para a realização de jogos de futebol. É uma maneira de se ocupar a malta e ao mesmo tempo adquirir melhor preparação física.

Os nossos mais pequenos são o prato forte dos jogos como assistentes. Eles fartam-se de berrar pelo nosso onze que assim, com apoio, vai arrancando vitória sobre vitória.

O Desporto já tem horas certas no nosso quotidiano. Isso mostra bem o interesse dos nossos atletas. O Álvaro é o orientador nesse campo, e tem feito um óptimo trabalho, pois ultimamente é que se tem sentido mais o interesse desportivo da nossa malta. Ainda bem e oxalá tudo corra sempre mais para a frente apesar de algumas dificuldades a que todos estamos sujeitos.

«Marcelino»

## Venda de O GAIATO no Centro do País

Hoje são os nossos vendedores a comunicar convosco. Eles são um mundo de encantos e fruto e mensageiros do vosso amor. Chegam sempre escaldantes. Eu fico-me feliz a vê-los felizes. Vêm rosados dos vossos beijos.

Durante o ano entregaram-vos 156.000 mensagens levadas pelos jornais e vós entregastes-lhes 706.311\$60, vosso pão repartido connosco. Pão abençoado, porque fruto de amor.

Escutai-os.  
Muito vosso

Padre Horácio

COIMBRA — Olá, Amigos! Chamo-me João Manuel, mais conhecido cá em Casa por Joãozinho. Ando na venda há 6 anos e frequento o 10.º ano de escolaridade. Cá em Coimbra vendo aos fregueses, nas Missas e Bancos, uma média de 500 jornais. As pessoas recebem-nos com muitas cerimónias e carinho, que por vezes até é demais.

No Verão vendemos nas praias e termas.

Em Coimbra é a nossa escola de vendedores. Ultimamente temos posto à prova alguns dos nossos mais pe-

quenos, pois é preciso alargar o império do «Famoso» que já é um bom pedaço e também para substituir alguns que começam a ter um pouco de acanhamento em andar pelas ruas na distribuição, embora este nosso trabalho seja trabalho autêntico e mensagem de paz e amor.

Em Coimbra vendemos quase 3.000 jornais e arranjamos para cima de treze contos. Alguns dos nossos também vão falar, mas não podemos falar todos. Atenção.

Despeço-me de todos com um grande abraço.

Joãozinho

● Chamo-me Manuel e sou natural de Coimbra. Sou vendedor há pouco tempo. Cá em Coimbra há pessoas que dão carinho e são nossas amigas. Há também rapazes a quem oferecemos o jornal e eles começam a gozar e isso não acho justo.

Eu gosto de andar a vender, porque a gente fala e comunica com as pessoas.

E aqui termino.

Manuel

● Eu vos escrevo como uma pequena molécula da Casa do Gaíato. Sou um mensageiro do nosso e vosso «Famoso». Eu sempre gostei de distribuir o nosso pequenino jornal. Vendo à volta de 360 jornais e sou um vendedor sem qualquer diferença dos meus companheiros. Nós estamos sempre com boa disposição e não desanimamos. Nós queremos encontrar mais irmãos que não conhecem a vida. Nós queremos dar e receber. Nós queremos receber e dar.

Os meus cumprimentos aos caros leitores.

Guido

● Olá meus caros leitores: estou a escrever um pouco. Eu gosto muito de vender o jornal, porque andamos a distribuir uma mensagem às pessoas que a querem receber e trazer consigo.

Eu sou vendedor da cidade, de Coimbra, que é a cidade onde temos mais amigos. Todas as pessoas que compram O GAIATO é porque gostam de ajudar.

Mário

● Também vendo à sexta-feira à tarde em Coimbra. Sou recebido com muito carinho e amor. Sou ven-

dedor há 3 anos. Beijos para todos os leitores.

João Paulo

LEIRIA — Sou vendedor na linda cidade de Leiria. Sou substituto do meu irmão Jorge que foi vendedor do jornal nesta cidade durante 6 anos. O meu companheiro é o Chiquito-Zé e vendemos 570 jornais. Gosto muito de vender o jornal nesta cidade, onde tenho muitos amigos, apesar de só há 2 meses ter vindo, para Leiria.

Para terminar quero abraçar todos os leitores que nos recebem sempre de braços abertos e de boa vontade.

João Paulo

● Desde já começo-lhes a falar de O GAIATO e dos acontecimentos do dia-a-dia passados na nossa Casa. É um jornal cristão e tem a missão de despertar nas pessoas o mundo do amor. O carinho é a primeira coisa que se encontra nesta linda cidade de Leiria. Chamo-me Chiquito-Zé, sou estudante no 8.º ano de escolaridade.

Obrigado e um abraço aos leitores de Leiria.

Chiquito-Zé

TOMAR — Tomar é um mimo! O Paulito que sucedeu ao irmão Benjamim na venda de Tomar, é um menino bonito para todos os amigos. Vende 540 jornais e vem sempre carregado de mimos e de carne. Carne só nos sacos, pois ele é tão magrinho que parece que só tem ossos! Não é Paulito?

Ele manda muitos abraços e beijos para todos.

FIGUEIRA DA FOZ — Eu, o Carlitos, sou vendedor na pequena cidade da Figueira. O meu amigo e companheiro Adelino também vende nesta cidade. Somos recebidos com muito carinho. Agradeço o carinho que trago desta cidade. Um grande abraço para todos.

Carlitos

● Sou o Adelino, natural da Figueira, onde agora vendo o jornal. As pessoas aceitam-nos muito bem e com muito carinho e boa vontade.

Por esta mensagem que eu vou levar a esta cidade, mando um grande abraço para todos.

Adelino

de leite ou sopa substancial. Um quarto para quem presidir. Do conjunto têm de fazer parte serviços higiénicos. Se alguém que nos lê tiver jeito para viver e sentir estes problemas e depois queira passar ao papel, mesmo que seja só uma tentativa, nós agradeceremos uma cópia. Damos indicações e dizemos o que possuímos: o terreno é quase circular, é plano; não temos de fazer desaterros. A casa terá de ser só rés-do-chão e um largo para recreio. As crianças não são mais de 35 ou 40. Desde que a «bola de neve» começou aos 20\$00 e aos 50\$00, já temos a passar de quinze mil escudos. Fez-se uma récita que rendeu cerca de 5 contos. Uma senhora de Alcobaca, leitora de O GAIATO e bilhetes que o Lar de S. Domingos enviou aos mais colaboradores, somam 10 mil escudos. Estamos a preparar o «Dia da Caridade» para a «bola» se tornar maior. Estabeleceu-se o Dia da Criança, em Samodães, uma vez por mês. Nesse dia há encontro geral, há cânticos, há o astear da bandeira infantil e recolhemos-se tostões. No dia 4 de Março rendeu 149\$00!

Poderemos começar? Não ficará mais económico uma casa pré-fabricada? E na localidade, em que há tanta falta de casas, e em que há jovens que não se casam por falta de habitação, não seria um abrir caminho para facilitar o levantamento de moradias? Respondam-nos, por favor, quem saiba destas coisas. Podia mesmo responder uma casa especializada, que para o efeito não tivesse fins comerciais, mas quisesse entrar na «bola de neve»... Talvez que depois viesse o negócio, sendo padrão o Jardim Infantil.

Padre Duarte

# Setúbal

■ O nosso Engenheiro mai-lo nosso Arquitecto já foram «chamados à pedra» por via da outra fase das nossas obras. Na saída e entrada p'ra casa-mãe, já o ti Zé mai-lo seu grupo completou a placa. Nos vários anexos em fase de acabamento, já o taqueiro fez barulho e o sr. Tomé começou a limpar os cantos e o carpinteiro Fernando a colocar fechados nas portas.

■ A sapataria está agora a cargo do Silvério. É ele o pioneiro daquele lugar. Tu não sabes, mas eu sei o que custa limpar a sujidade dos outros. Pois ele é o engraxador cá em Casa. É o «pião das nicas» dos que gostam de andar com os sapatos a brilhar, ao domingo.

■ Cá em Casa, quem é que não conhece o Bernardo? De uma vez topei-o nos corredores do hospital. Levámo-lo p'ra casa. Na altura não te falámos dele, mas hoje faço-o: Ele andou ontem à chuva a carregar baldes de massa prá placa que acabámos de encher. É por via dele mais doutros que a placa se tem feito como que uma manta de retalhos.

■ O temporal tem sido grande. Da janela do meu quarto de hospital, vejo lá em baixo montes de tábuas velhas. Elas dão terror só de olhá-las e confundem-se com os gemidos dos doentes. Muitos deles saíram do ambiente delas. Daqui de cima, sente-se e vê-se a chuva e o vento soprando

Cont. na 4.ª pág.

# Livro «O CALVÁRIO»

Os assinantes da Editorial já têm em mãos o seu livro. E as notícias de todos os quadrantes empolaram a nossa mala do correio.

«O CALVÁRIO» mexe com a alma dos leitores. Inquieta. É um rasto de luz, luz de Esperança que salta da Boa Nova, abrindo clareiras para outros mundos — para os Outros — quando a gente supõe, quantas vezes, que ninguém sofre mais do que nós...

«Caros Amigos Permitam que vos trate assim.

Na realidade é de Amigo o envio de um livro, melhor diria «chamada de atenção», como a expedição da vossa edição de «O CALVÁRIO».

Eu estava convencido de que tinha problemas e, de súbito, constatei que havia problemas muito mais importantes do que os meus...

Ontem, Padre Baptista telefonou. Um sacerdote de algures pede nada menos de cem

exemplares para concretizar sua acção pastoral!

Só mais esta carta, de Gavião, toda ela espumante:

«Foi com muita emoção que recebi «O CALVÁRIO»! Quando pego nele, quase que tenho os cuidados que se têm com uma coisa muito frágil e muito preciosa; quase tenho medo de «o miogar» — todo ele a transparecer sofrimento. Mas, ao mesmo tempo, que carinho e amor ele nos inspira! Se sou admiradora da Obra do Padre Américo em geral, o Calvário tem um lugar especial no meu coração. Bem hajam por este livro que vai fazer muito bem por aí fora. Gostaria de ter mais dois exemplares para oferecer. Mas não é pressa. Mandem quando puderem. Vem sempre a tempo.»

É uma pequena amostra da revolução que «O CALVÁRIO» está produzindo na alma dos seus leitores.

Júlio Mendes

# AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

ga: o aborto é um crime e nunca um meio.

«Não matar» é o 5.º Mandamento. E posto em causa o valor absoluto da vida, estará aberto o caminho para a supressão dos diminuídos, dos deficientes e dos velhos. Legalizado o aborto, não tenhamos dúvidas, encontrar-nos-emos em plena era da barbárie.

Na chamada «Declaração dos Direitos dos Animais», de Júlio Roberto, fala-se no direito à vida e à liberdade e no direito de os animais se procriarem sem destruição dos seus filhos. Quer dizer, os tempos dum materialismo atentório dos valores mais sagrados — e o dom da vida é um deles — pretendem impor à humanidade aquilo que rejeita para as bestas. As pressões psicológicas, as directrizes com segundos sentidos, a difusão de informações deturpadas ou de meias verdades, são autênticos ultrajes à dignidade humana que importa rejeitar. É que o primeiro direito do Homem é o direito à vida e todos os outros direitos serão vazios de sentido se aquele não for respeitado. Defendamos a Criança.

● Temos a Casa cheia de gente. Não podemos receber nem mais um Rapaz. Sucedem-se, porém, de todos os lados, os pedidos. É de ruptura a situação. Centenas de crianças, para não dizer milhares, aguardam uma mão estendida e, na sua falta, correm os mais graves riscos. Queremos ser realistas e não temos o direito de desesperar. Todavia, a degradação moral e social que

neste ponto de observação tomamos, leva-nos às mais pessimistas conclusões. Sim, porque de palavras estamos fartos e nada vemos realizar em benefício da Criança. E temos pena que o muito que se vai gastar em nome dela, em pouco lhe venha a ser útil. Antes nos desejaríamos equivocár.

● O ar anda empestado. A corrupção, o nepotismo e a desagregação são lugares comuns. Há muita gente instalada e poucos que se interessem pelo bem comum. Funcionários encostados e sem fazer nada ou fora dos seus lugares de trabalho, inclusivé, na rua, a tratar dos seus negócios; muitos reclamam e paralisam as suas já reduzidas actividades, pedindo o céu e a terra; o desemprego aumenta e os ociosos dos mais variados tipos multiplicam-se; não há casas ou o seu preço é incomportável; as escolas não funcionam ou vivem num clima de caos; os serviços de Saúde e de Previdência degradam-se; quem quer fazer algo de útil ou cumprir o seu dever só encontra dificuldades; a disciplina e a hierarquia desvanecem-se; as leis não se cumprem ou não existem; vive-se, em suma, uma hora trágica. Não haverá homens capazes, na nossa Terra, de acudir a tudo isto? Creio que sim, apesar de tudo. Já é, todavia, hora de aparecerem e de se empenharem a sério. O Povo, em que muitos falam, quer actos concretos. E os Pobres, em particular, de quem somos procuradores por devoção, pedem-nos que haja vergonha nos rostos, que não só barbã e a coragem de assumirmos todos as nossas responsa-

bilidades. Basta de sofrer.

● Precisamos dum torno para a serralharia-Escola. Custa à volta de 600 contos, que não temos. Os Rapazes precisam de aprender e o trabalho é a nossa grande fonte de recursos. É um investimento duplamente reprodutivo, pois. Contamos convosco e, por isso, aqui se deixa recado.

Padre Luiz

## O nosso dia-a-dia

Cont. da 1.ª pág.

nos também morreu por causa disso. E dos pais deles não se sabe de nada...

A voz da tia quebrava-se-lhe... A voz da mãe morreu para sempre! A voz dos pais — dois para dois rapazes — calou-se, covardemente... A voz das crianças a gritar que querem ser homens! Pois claro, a voz activa é que pede um complemento! E então quem lho dá? E como? E quando? Para já, talvez nós, depois de medirmos as nossas limitações que são tantas! E só então medimos a missão da responsabilidade que nos cabe pela existência de tão grandes desequilíbrios em que o Povo da nossa Terra ainda vive.

Bem mais fácil atribuir culpas deste ou de outros casos, a Deus ou ao diabo! Ou aos outros, sómente. Por isso, casos assim aparecerão sempre até que cada homem compreenda toda a dimensão da sua responsabilidade social.

Padre Moura

## Setúbal

Cont. da 3.ª pág.

rijo nos vidros. E o calor das mantas dá-nos ainda mais que pensar nas vidas que lá em baixo só se adivinham por não poderem sair à rua. E então, daqui de cima, é que é!...

A miséria existe porque nenhum de nós é capaz de acudir à Pobreza. Quem é que sai do seu poleiro e quer vir até aqui enxergar a miragem destas barracas sujeitas a serem esmagadas pelos grandes edifícios que as vão cercando?

■ Sr. Padre Manuel António esteve entre nós. Veio trazer-nos um abraço e levou outro. Veio saborear o calor da nossa lareira. Pai Américo olha tudo isto como quem vê ao longe e continua a fazer-nos saborear a paz que as Casas do Gaiato nos fazem viver com os seus altos e baixos humanos.

Padre Carlos

Ernesto Pinto

# FESTAS

A hora em que esta notícia sai para a rua, estamos com o pé no estribo rumo a Amarante e Aveiro, duas terras acolhedoras. Numa e noutra, é tradição, famílias há de que não fica cão nem gato em casa!

Com antecedência, um grupo de Rapazes nossos andou por lá, e irá a outras localidades, lembrar ou despertar os nossos Amigos. São pequeninas equipas de vendedores de O GAIATO. É o começo da Festa. É o acender do fogo que vai aquecer as noites de convívio já marcadas em cada uma das respectivas salas.

Nos Bancos, nas Caixas, nos estabelecimentos comerciais, em casas de famílias os nossos pequenos embaixadores são bombardeados pela curiosidade de tudo e de todos, num bafo de carinho. Eles vibram. E é bom que vibrem e sintam o acolhimento dos nossos Amigos, tão interessados que, às vezes, os retêm esquecendo o objectivo da sua acção, pois têm de marchar em procura de outros, noutros lados! «Como é o programa, este ano?» A bola de neve motiva, ainda, gente que nunca se abeirou de nós. E aumenta com a devoção de alguns que arrastam meio mundo, de Aveiro a Monção e nas Beiras e na Estremadura.

Se a Festa é o que é, a sementeira não apaixona menos, porquanto ela irradia na alma de quem nos ama, de quem faz sua, também, a Obra da Rua.

As Festas do Norte vão começar. E os nossos irmãos da zona Centro — Miranda do Corvo e Coimbra — estão já a programar as suas, também, a partir de 28 de Abril, com o entusiasmo de sempre. O nosso Padre Horácio já forneceu datas. Aí vão para que todos saibam e agucem o apetite.

Júlio Mendes

## ZONA NORTE

- 25 de Março — Amarante Cine-Teatro  
**AMARANTE**
- 27 » » — Teatro Aveirense — **AVEIRO**
- 3 » Abril — Cinema S. Geraldo — **BRAGA**  
Bilhetes à venda: Vigararia Episcopal — R. S.ta Margarida, 8 — Braga
- 6 » » — Cine-Teatro Augusto Correia  
**VILA NOVA DE FAMALICÃO**
- 11 » » — Teatro S. Pedro — **ESPINHO**
- 17 » » — Cine-Teatro Caracas  
**OLIVEIRA DE AZEMEIS**
- 19 » » — **COLISEU DO PORTO**  
Bilhetes à venda: Espelho da Moda, Rua dos Clénigos, 54 e bilheteiras do Coliseu
- 25 » » — Teatro Ribeiro Conceição  
**LAMEGO**

## ZONA CENTRO

- 28 de Abril, às 21 h — Salão dos Bombeiros Voluntários — **MIRANDA DO CORVO**
- 1 » Maio, » 15,30 e 21 h — Teatro Avenida  
**COIMBRA**
- 4 » » » 21,30 h — Teatro Cine  
**COVILHÃ**
- 5 » » » 15,30 » — Cinema Gardunha  
**FUNDÃO**
- 6 » » » 15,30 » — Cine-Teatro  
**CASTELO BRANCO**

Os bilhetes encontram-se à venda em cada uma das referidas salas.

Tiragem: 38.000 exemplares



Director: Padre Carlos      Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

## Os Direitos da Criança

Cont. da 1.ª pág.

diz do esquecimento do Homem pelo Homem que, em muitos planos da vida, continua escandalosa realidade. Inclusivamente no da Legislação de Menores, feita pelos adultos e parece que para os adultos, tão longínquo se vê frequentemente «o interesse superior da criança» como «consideração determinante» na feitura das mesmas leis. Por isso tão inadequadas, tão pouco maleáveis e expeditas, tão ineficazes tantas vezes se revelam.

«O interesse superior da criança» irá abalar certos pressupostos, teimosamente mantidos como absolutos: tal o Direito do sangue. Sim, sagrado seria, absolutamente sagrado, se a Família fosse sempre a entidade santa e responsável, imagem da de Nazaré, a que «todo o regresso é progresso social». Quando assim é, é, e será sempre, a Família a pri-

meira instituição comprometida, e a mais fecunda, na salvaguarda do «interesse superior da criança». E permanece sempre a figura ideal do meio em que a criança há-de desenvolver-se e encontrar-se.

Por isso, quando, sem esta mira ideal (ao menos implícita), a Família se corrompe ou se dissolve e à sociedade maior compete suprir, é ao modelo da Família que convém recorrer para as Instituições que promove, se «a consideração determinante é o interesse superior da Criança». Claro que surgirá então o Direito da criação contrastando o da geração; e um mundo novo de ideias a urgir sua expressão legal. Oxalá este campo, quase virgem entre nós, seja trilhado, a fim da ampla reforma das leis que «o interesse superior da Criança» reclama.